

## JANE AUSTEN E A INTERNET: ANÁLISE DE UMA COMUNIDADE DE FÃS

Nayara Andrade ARAUJO  
Orientador: Prof. Dr. Jefferson Cano

**Resumo:** O presente trabalho centra-se no estudo de um *fandon* – comunidade virtual de fãs de uma determinada obra literária ou autor – da escritora inglesa Jane Austen (1775-1817). Esse domínio dos fãs permite a interação instantânea dos usuários, que trocam opiniões, críticas, reinterpretações e recriações em diferentes formas textuais, apresentando uma nova forma de recepcionar o texto literário. Os objetivos da pesquisa são entender a dinâmica de um *fandon*, a relação desses fãs com a autora e suas obras, bem como a constante presença de Austen atualmente. Para isso, foi observado os aspectos gerais mais relevantes e expressivos da comunidade de fãs da autora, com enfoque na análise de uma postagem produzida por esses leitores.

**Palavras-Chave:** literatura; Jane Austen; internet; *fandom*;

### INTRODUÇÃO

Jane Austen (1775 - 1817) é um grande nome da literatura inglesa, lida, traduzida e reconhecida no mundo todo. Filha do pastor George Austen e de Cassandra Austen, sempre recebeu incentivo para ler e escrever, tendo escrito suas primeiras novelas ainda no início da adolescência. Em vida, publicou quase todas as suas obras anonimamente, sob o pseudônimo de The Lady. Austen é autora dos livros: *Sense and Sensibility* (1811), *Pride and Prejudice* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815), *Northanger Abbey* e *Persuasion* (1818), sendo esses dois últimas publicações póstumas. Deixou ainda uma vasta coleção de textos escritos em sua juventude, além de novelas inacabadas, como *Sanditon* e *The Watsons* (REEF, 2014). Sua grande capacidade de observação e descrição, via cômica e crítica através da ironia dão um caráter único a suas obras.

Apesar de estar sempre presente nas livrarias, com edições de seus seis livros completos, podemos notar atualmente um crescente sucesso editorial das obras de Jane Austen, com vários lançamentos e relançamentos, edições especiais, lançamento de novas biografias e de suas novelas menos famosas, além de diversas recriações do universo construído por Austen. Na página da *Amazon* brasileira, constam, apenas em português, seis edições diferentes de *Sense and Sensibility*, sete de *Pride and Prejudice*, cinco

de *Mansfield Park*, cinco de *Emma*, cinco de *Northanger Abbey* e seis de *Persuasion*, além de uma edição de luxo lançada em 2016 pela editora *Martin Claret*. Também há a *Juvenília* da autora, lançada pela editora *Penguin*; três edições que contemplam suas novelas inacabadas; adaptações como *Pride and Prejudice* em quadrinhos, lançado em 2016 pela editora *Nemo* e *Pride and Prejudice* adaptado para crianças, da editora *Nova Fronteira*. Além dessas obras, observa-se um número cada vez maior de recriações do universo e dos personagens de Jane Austen para o mundo contemporâneo, como *O Diário de Mr Darcy*, *Austênlandia*, *Eu fui a melhor amiga Jane Austen*, *O Diário secreto de Lizzie Bennet*, entre outros.<sup>1</sup>

Essa forte presença da autora também pode ser vista na internet e nas redes sociais, com cada vez mais sites, blogs e páginas em redes sociais dedicadas a Jane Austen. Todas essas páginas são criadas e administradas por fãs, com o intuito de trocar informações a respeito da autora e de seus livros, além de construir material inédito dedicado a ela. Esses materiais podem ser desenhos, vídeos, resenhas de livros e filmes, adaptações etc. Na rede social *Facebook*, foco do presente trabalho, Jane Austen possui mais de dez páginas a ela dedicadas – a principal delas conta com mais de um milhão de seguidores.

## FANDOM

A esse fenômeno virtual – comunidades na internet compostas por fãs de determinado autor ou obra literária que recriam e também criam novos registros textuais através da hipermídia – dá-se o nome de *fandom*, ou domínio dos fãs. Esse espaço, feito por e para fãs, permite que eles, para além de simplesmente ler uma obra, também interajam com ela, interpretando-a, criticando-a e modificando-a de acordo com suas percepções e vontades, sem, no entanto, ignorar sua essência e suas principais características, já que a intenção dos fãs é participar, se aproximar da obra, do universo por ela construído, e também do autor. (MIRANDA, 2008).

O fenômeno dos *fandons* tem mostrado uma forma diferente de recepção do texto literário por esses leitores, fazendo com que a leitura individualizada ceda espaço à leitura coletivizada e interativa, onde os leitores/fãs podem, de maneira instantânea, trocar impressões, informações e ideias a respeito do livro, buscando sempre formas novas de atuação, criando e recriando seu objeto de culto. Para isso, os livros selecionados como cânone pelos membros do *fandom* não precisam necessariamente ser obras clássicas,

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.amazon.com.br/s/ref=nb\\_sb\\_noss\\_2?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&url=search-alias%3Daps&field-keywords=Jane+austen](https://www.amazon.com.br/s/ref=nb_sb_noss_2?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&url=search-alias%3Daps&field-keywords=Jane+austen). Acesso em: abril 2016

cultuadas pela crítica e pela universidade – é necessário que a obra tenha potencial para as mais diversas releituras e recriações dentro das demandas do mundo contemporâneo, sem perder sua natureza. (MIRANDA, 2009).

A principal novidade do *fandom* é o culto a uma obra literária ou autor, de forma democrática e participativa, através do meio virtual. Para isso, as características próprias da interação no ciberespaço são fundamentais. Os critérios essenciais para participar são: ter acesso à internet, se considerar fã de determinada obra/autor e, para aqueles que além de discutir literatura, desejam produzir e recriar formas textuais a partir da obra, são necessários conhecimentos de dispositivos que permitem essa produção. Segundo Miranda (2009) as características desse leitor/fã, que também pode ser escritor, parecem ser de um público jovem, sem formação específica em literatura, mas com conhecimentos que lhe permitem ler e selecionar seu próprio cânone. Quanto à natureza das obras, em pesquisas realizadas em espaços virtuais onde os *fandons* se fazem presentes, encontra-se uma grande variedade de fãs de obras clássicas de autores como Jane Austen, William Shakespeare e Machado de Assis; a maioria dos *fandons*, no entanto, ainda é composta por textos infanto-juvenis e best-sellers. (MIRANDA, 2009)

Essa nova atitude do leitor frente ao texto literário está em diversos espaços na internet, principalmente naqueles que permitem a interação instantânea e a troca de informação, bem como o armazenamento de tudo que é produzido pelos fãs. As redes sociais são um exemplo de espaço virtual que propicia a interação dos membros do *fandom*. De acordo com Boyd e Ellison (2007), a rede social pode ser definida como um serviço online que permite que seus usuários possuam um perfil pessoal – público ou semi-público – para interagir com outros usuários. Cada rede social possui seu objetivo específico dentro do sistema virtual, portanto, essas interações podem ter diversos nomes e naturezas.

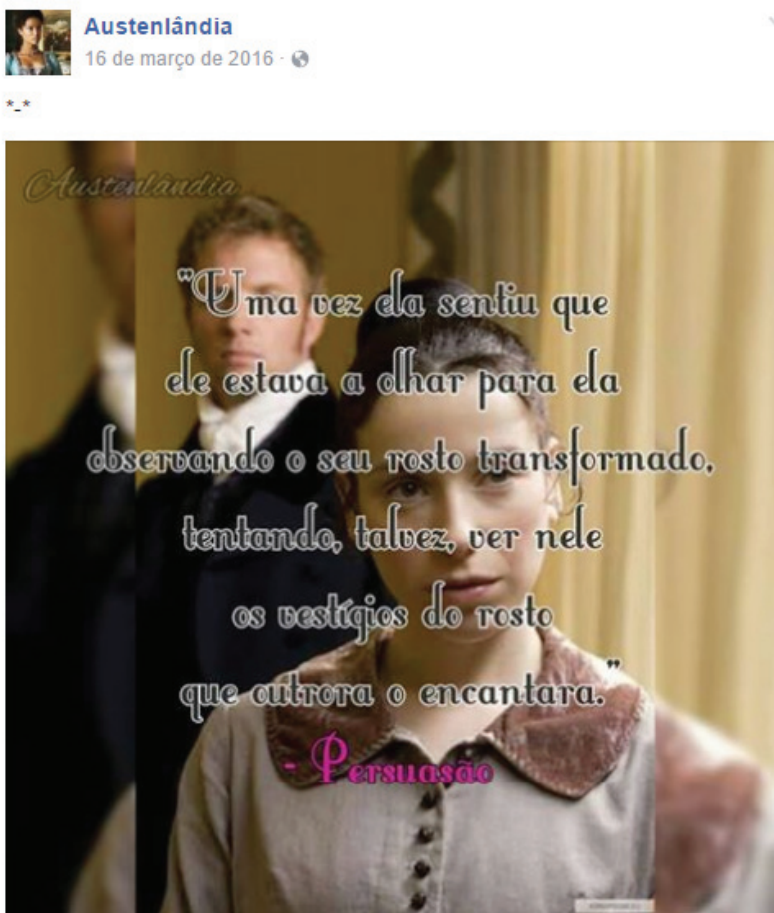
Acreditamos que entender a dinâmica do *fandom* de certo autor/obra e o perfil de seus participantes é também entender a influência desses fãs na divulgação e perpetuação das obras literárias, compreender como os livros podem se relacionar com todas as demandas e problemáticas do mundo moderno no qual esse novo leitor está inserido, além de procurar compreender a presença notável de Jane Austen atualmente, e que mesmo após 200 anos, continua sendo constantemente revisitada, além de influenciar e servir de inspiração para vários aspectos da cultura pop. Para tanto, o presente trabalho buscou mostrar os aspectos gerais mais relevantes e expressivos da comunidade de fãs da autora, com enfoque na análise de uma postagem produzida por esses leitores. A comunidade de fãs em questão se encontra na rede social Facebook, mais especificamente em três páginas – *Austênlandia*, *Jane Austen Boladona* e *Adaptações Jane Austen* – escolhidos pelo idioma e pela maior frequência de postagens.

O Facebook – rede social onde a autora Jane Austen tem uma comunidade grande e interativa de fãs, chegando a mais de um milhão de seguidores – permite aos leitores, segundo afirma Karma, um amplo alcance de suas postagens, desde que seu conteúdo se mostre relevante dentro da rede social. Essa relevância pode, na maioria das vezes, ser observada pela quantidade de curtidas, comentários ou compartilhamentos.

A maioria das postagens feitas pelos fãs podem ser divididas em: *memes* e montagens de humor, trechos de obras, cenas de filmes, divulgação ou solicitação de indicação de outras obras ou filmes, resenhas e emissão de opinião. Os *memes* são postagens bastante frequentes, geralmente se apropriando de temas em destaques nas mídias sociais, como por exemplo, o cenário político e social do país. Podemos notar também que a maioria dos temas ou acontecimentos selecionados pelos fãs foram, de alguma forma, tratados com humor pela comunidade virtual como um todo. Os trechos de obras, em sua grande maioria, são passagens icônicas e já amplamente divulgadas, e quase sempre acompanhados de uma imagem ao fundo, como na imagem 1, onde pode-se ver uma cena do filme *Persuasão*, de 2007, com a sobreposição de uma passagem da obra literária de mesmo título. A maioria deles vem acompanhado de referência da obra de onde o trecho foi retirado, apesar de podermos encontrar algumas postagens sem referência. Imagens de cenas dos filmes ou minisséries adaptadas a partir de uma obra de Austen também são comuns, e, em sua maioria, são passagens marcantes que vêm acompanhadas de legendas, assim como na imagem 2. Quanto às obras divulgadas e às solicitações realizadas, são livros ou filmes que os fãs consideram possuir a mesma temática que as obras da autora, muitas vezes referidos como “de época” ou “histórias de amor”, como exemplificado na imagem 3, na qual a autora da postagem sugere a leitura de *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. Por fim, as resenhas divulgadas podem ser em forma vídeos ou de links, que se direcionam para um site ou um blog. Muitas vezes, obras e

adaptações cinematográficas ou televisivas se confundem, e grande parte das imagens utilizadas para ilustrar as postagens, ou para se referir a algum personagem, são retiradas destas adaptações.

Imagem 1. Persuasão



Fonte: Página Austenlândia no Facebook

Imagem 2. Adaptação de *Emma*



Fonte: Página *Adaptações Jane Austen* no Facebook<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/adapjaneausten/>. Último acesso: janeiro 2017

Imagem 3. Indicação de obra literária



Fonte: Página *Jane Austen Boladona* no Facebook<sup>4</sup>

## BELA, RECATADA E DO LAR

A postagem analisada é uma recriação dos fãs que faz referência a uma campanha virtual conhecida como *Bela, recatada e do lar*, e se encontra na página *Austenlândia*.<sup>5</sup> Uma matéria na Revista *Veja*<sup>6</sup>, que elogia e enaltece essas três características, que

4 Disponível em: <https://www.facebook.com/janeaustenboladona/>. Último acesso: janeiro 2017.

5 Página administrada por Greice Ribeiro. O administrador tem função de organizar a página, atuar como suporte e moderar a interação entre os usuários. Disponível em: <https://www.facebook.com/austenlandia/>. Último acesso: novembro 2016.

6 Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Último acesso: novembro 2016.

estariam presentes na vice-primeira-dama, Marcela Temer, gerou grande polêmica na internet, provocando a revolta de muitas mulheres, que não se sentiram representadas por esse ideal de mulher enaltecido pela revista e que se incomodaram com o tom da matéria, considerado machista e conservador. Diante disso, foi lançada uma campanha na internet em que as mulheres deveriam postar fotos em situações engraçadas e debochadas, utilizando ironicamente a expressão “bela, recatada e do lar”, para assim fazerem uma crítica ao que os internautas interpretaram como a associação da mulher ideal com valores antigos e ultrapassados e ao julgamento da revista de que esse deve ser o padrão de comportamento a ser seguido pelas mulheres. Durante essa campanha, fãs utilizaram a imagem do filme *Orgulho e Preconceito*, de 2005, para ilustrar o que seria a personagem Elizabeth Bennet participando da referida campanha.

Imagem 4. Elizabeth Bennet



Fonte: Página *Austenlândia* no Facebook<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/austenlandia/>. Último acesso: novembro 2016



Elizabeth Bennet é uma personagem icônica de *Orgulho e Preconceito*, e vista por muitos como uma mulher à frente do seu tempo, por ter uma personalidade forte, ser obstinada, inteligente e agir de forma independente e crítica, tomando suas próprias decisões, inclusive a respeito do casamento. Segundo Zardini (*apud* Sullivan, 2007), na sociedade inglesa do século XIX, era o casamento que evitava que mulheres que não dispunham de renda vivessem na pobreza, fazendo do matrimônio um acordo; poucos eram os casamentos por amor, prevalecendo o interesse econômico e familiar. A personagem criada por Austen abandonaria esses valores tradicionais do matrimônio, ao desejar um casamento por afeição e não apenas por arranjos familiares e segurança financeira, estando disposta a permanecer solteira caso isso não fosse possível, o que não condizia com o esperado para mulheres da época, já que um bom casamento era uma das únicas formas de garantir futuro, proteção e sustento para a mulher. Acreditamos que essas características e essa forma de interpretar a personagem tornaram possível a associação feita entre Elizabeth Bennet e uma campanha de cunho feminista, que critica a visão ultrapassada do que deveria ser uma mulher ideal dentro da sociedade atual, bem como a apropriação e recriação desse texto literário dentro das demandas atuais.

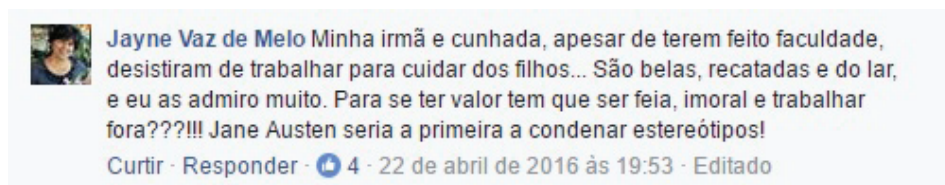
Assim como outras obras da autora, *Orgulho e Preconceito* demonstra que há uma consciência da posição inferior da mulher dentro da sociedade patriarcal, que é evidenciado em questões como a impossibilidade da transferência da herança paterna e propriedades para as filhas ou esposas, a falta de estudo formal para as mulheres, o casamento como único meio de garantir um futuro digno, já que as mulheres não podiam trabalhar para seu sustento, além de todas as exigências existentes na sociedade em relação ao comportamento ideal da mulher. Apesar desse tom de denúncia presente nas obras de Austen, muitas vezes sob a forma de humor e ironia, mostrando o que poderia ser um aspecto não conformista da autora (ZARDINI, 2013) devemos salientar que Jane Austen não realizou críticas sociais abertamente, nem se dedicou a militar pela situação das mulheres e sua consequente opressão, sendo até mesmo considerada por alguns estudiosos, como Marilyn Butler (1975), como uma escritora conservadora, por restringir a mulher apenas ao ambiente doméstico e ao casamento como único final possível, aspectos estes observados nas heroínas criadas por Austen, mesmo aquelas que possuem características e comportamentos que fogem ao padrão imposto às mulheres na época, como é o caso de Elizabeth Bennet. Após o casamento, mesmo aqueles realizados por meio do afeto, as obrigações da mulher eram bastante restritas, consistindo em “desenvolver uma boa relação com a empregada da casa, planejar os cardápios das refeições diárias e dos jantares, conduzir os empregados, ajudar aos mais pobres e doentes, decorar a casa, alfabetizar os filhos [...]” (ZARDINI *apud* SULLIVAN 2007); devemos nos lembrar

que essa restrição do papel da mulher é um dos pontos criticados pela campanha *Bela, recatada e do lar*.

Contudo, autoras como Gilbert e Gulbar acreditavam que Austen ia contra as convenções, expondo, por meio da ironia, seu desconforto em relação à situação da mulher. Segundo elas, “é chocante como Austen persistentemente demonstra seu desconforto com sua herança cultural, especificamente sua insatisfação com o pequeno lugar atribuído às mulheres na sociedade patriarcal e sua análise da economia da exploração da mulher”<sup>8</sup> (GILBERT & GULBAR, 2000, p. 112).

Essa divergência entre os autores ultrapassa o campo teórico, se fazendo presente também na opinião dos leitores que participam da comunidade de fãs em questão. Durante a interação entre eles, nos comentários da postagem, uma das leitoras critica a campanha, demonstrando sua admiração por pessoas reconhecidamente “belas, recatadas e de lar”, enfatizando que a mulher não precisa ser “feia, imoral e trabalhar fora” para ter seu valor, e finaliza com a sua opinião de que “Jane Austen seria a primeira a condenar estereótipos”. Ao deixar claro sua opinião a respeito do que Jane Austen diria sobre esta campanha, ela mostra sua interpretação a respeito das obras da autora.

#### Imagem 5. Comentário do leitor



Fonte: Página *Austenlândia* do Facebook<sup>9</sup>

Essa imagem que alguns leitores fazem da autora, bem como uma interpretação mais conservadora de suas obras, pode ter sido incentivada por uma imagem pré-concebida e, de certa forma, construída e reforçada pela família da autora; Austen é mostrada como uma pessoa dócil, amorosa e reclusa. Segundo nota biográfica escrita por sua família, na ocasião da publicação póstuma de *Persuasion*, a autora sequer tinha o desejo de alcançar fama e lucro, escrevendo apenas para o entretenimento de sua família. (AZEVEDO; KINOSHITA, 2012). No entanto, cartas da autora à sua irmã Cassandra evidenciam seu

8 Tradução livre. A Obra *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the 19th Century Literary Imagination* não possui tradução para o português.

9 Disponível em: <https://www.facebook.com/austenlandia/>. Último acesso: janeiro 2017.

desejo de ser reconhecida e recompensada por seu trabalho como escritora, contrariando a imagem divulgada por sua família. (AZEVEDO; KINOSHITA apud BRABOURNE, 1884).

## CONCLUSÃO

Pensando na associação entre a personagem e a campanha *Bela, recatada e do lar*, entendemos que o leitor faz uma interpretação simplificada da obra, evidenciando apenas uma das muitas possibilidades interpretativas, ou essa associação não seria possível, já que, mesmo com todas as características que a classificam como uma mulher à frente do seu tempo, Elizabeth Bennet ainda assim encontra seu final no que era o padrão esperado, e até mesmo imposto para as mulheres: o matrimônio e a vida doméstica; papel este que é justamente criticado pela campanha. Além disso, os leitores também realizam uma interpretação simplificada da matéria presente na Revista *Veja*, já que ela também representa a construção de um papel, uma identidade ficcional para a vice-primeira-dama, afim de distanciá-la de sua antiga imagem, uma moça bastante jovem que participava de concursos de beleza.

Como já mencionado, um aspecto essencial para a escolha do *fandom* é que a obra em questão tenha potencial para apropriações e recriações que atendam às demandas do mundo moderno, bem como do leitor inserido nesse contexto. O leitor/fã se apropria desse texto para torná-lo significativo para ele próprio, e para isso as interpretações e associações têm que fazer algum sentido para ele. Sendo assim, é esperado que ele eleja, mesmo que de forma inconsciente, uma das interpretações possíveis para obra, aquela que mais se adequa à sua realidade, e que seja possível para que ele a signifique. Além disso, a discussão acerca a posição da mulher na sociedade, bem como as críticas a respeito do papel a ela imposto, são temáticas importantes e necessárias no mundo moderno, permitindo então sua associação com diversas representações e interpretações desses questionamentos. Devemos salientar que os críticos atuais já reconhecem “que as duas posições de Jane Austen – ideologicamente conservadora ou ligada ao feminismo iluminista – podem coexistir nos seus próprios textos, havendo debates entre ambas.” (AZEVEDO; KINOSHITA apud SALES, 1994, p. 74), sendo plausível concluir que, no que diz respeito às interpretações feitas pelos leitores, ambas as formas são possíveis, e até mesmo esperadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTEN, J. (2011). *Orgulho e Preconceito*. Trad Alexandre Barroso de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.
- AZEVEDO, M.M.; KINOSHITA, P.M.M.G. (2012) “ ‘Why Jane Austen, Why now?’ – A presença de Jane Austen no século XXI”. *Scripta Uniandrade*, vol. 10, n. 2, p. 70-82. Disponível em: [http://www.uniandrade.br/docs/scripta/Scripta%2010\\_2\\_final.pdf#page=70](http://www.uniandrade.br/docs/scripta/Scripta%2010_2_final.pdf#page=70). Último acesso: novembro 2016.
- BOYD, D.; ELLISON, N. (2007). “Social network sites: Definition, history, and scholarship”. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1). Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/full>. Último acesso: abril 2016.
- GILBERT, S. M.; GUBAR, S. (2000). *The Madwoman in the Attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. 2nd ed. New Haven: Yale University Press.
- KRAMA, G. (2016). “Literatura e facebook: uma obra a um like de distância”. *Revista eletrônica Falas Breves*, v. 3, p. 33-43. Disponível em: <http://www.falasbreves.ufpa.br/index.php/revista-falas-breves/article/view/35/41>. Último acesso: novembro 2016.
- MIRANDA, F.M. (2009). “Fandom: um novo sistema literário”. *Hipertextus – revista digital*, n. 3. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume3/Fabiana-Moes-MIRANDA.pdf>. Último acesso: abril 2016.
- MIRANDA, F. M. (2009). “Fancultura e texto literário: união no ciberespaço”. *Revista Encontros de Vista*, 3ª edição, p. 52-61. Disponível em: [http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/FANCULTURA\\_E\\_TEXTO\\_LITERARIO\\_UNIAO\\_NO\\_CIBERESPACO.pdf](http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/FANCULTURA_E_TEXTO_LITERARIO_UNIAO_NO_CIBERESPACO.pdf). Último acesso: abril 2016
- REEF, C. (2014) *Jane Austen: uma vida revelada*. 1. Ed. São Paulo: Novo Século.
- ZARDINI, A. S. (2013). “A identidade feminina na obra ‘Orgulho e Preconceito’ de Jane Austen”. *Anais do SILEL*, vol. 3, n. 1. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013\\_2049.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2049.pdf). Último acesso: janeiro 2017.